



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ANA CAROLINA ALVES DE FREITAS CORREIA

ANÁLISE DOS CONHECIMENTOS SOBRE DISLEXIA DOS PROFESSORES DO
FUNDAMENTAL I DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE E DE CINCO
CIDADES DO SERTÃO PARAÍBANO

CAMPINA GRANDE – PB

2012

ANA CAROLINA ALVES DE FREITAS CORREIA

**ANÁLISE DOS CONHECIMENTOS SOBRE DISLEXIA DOS PROFESSORES DO
FUNDAMENTAL I DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE E DE CINCO
CIDADES DO SERTÃO PARAÍBANO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Coordenação de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas pela referida instituição.

Orientador: Josenaldo Lopes Dias

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL –UEPB

C824a Correia, Ana Carolina Alves de Freitas.
Análise dos conhecimentos sobre dislexia de professores do fundamental I do município de Campina Grande e de cinco cidades do Sertão Paraibano [manuscrito] / Ana Carolina Alves de Freitas Correia. – 2012.
49 f. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2012.
“Orientação: Prof. Dr. Josenaldo Lopes Dias, Educação Física”

1. Dificuldade de aprendizagem. 2. Dislexia. 3. Relação professor-aluno. I. Título.

21. ed. CDD 370.15

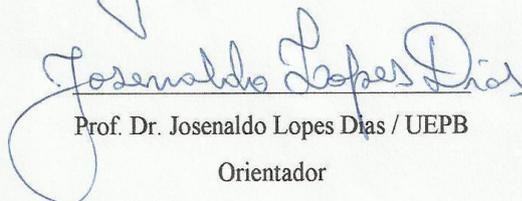
ANA CAROLINA ALVES DE FREITAS CORREIA

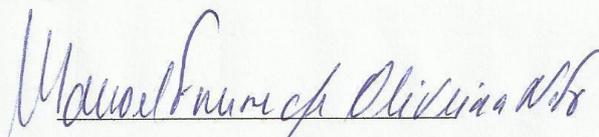
**ANÁLISE DOS CONHECIMENTOS SOBRE DISLEXIA DOS PROFESSORES
DO FUNDAMENTAL I DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE E DE CINCO
CIDADES DO SERTÃO PARAÍBANO**

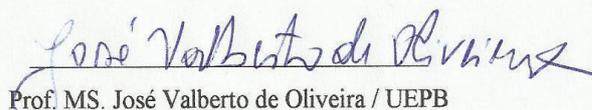
Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Coordenação de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas pela referida instituição.

Aprovado em: 27 / 06 / 12

Nota: 9,5 (Nove vírgula cinco)


Prof. Dr. Josenaldo Lopes Dias / UEPB
Orientador


Prof. Dr. Manoel Freire de Oliveira Neto / UEPB
Examinador


Prof. MS. José Valberto de Oliveira / UEPB
Examinador

Dedico este trabalho a todos os portadores de Dislexia do mundo: Crianças, Adolescentes, Adultos, famosos ou desconhecidos, que juntos compartilham de uma leitura toda própria e individual do mundo em que vivemos e aos meus pais, por todo amor, incentivo e esforços realizados para que eu alcance todas as minhas metas, e por estar ao meu lado em todos os caminhos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pelas oportunidades em minha vida e, por me dar forças para enfrentar todos os obstáculos que encontro em meus caminhos.

Aos meus pais pelo apoio, incentivo e esforços realizados para que eu alcance meus objetivos e persista na busca pelos meus ideais.

A todos os meus familiares e amigos que de alguma forma auxiliam na minha formação.

A todos os meus amigos e colegas da faculdade, pela amizade e companheirismo durante esses quatro anos de curso.

Ao meu orientador pela ajuda com seu conhecimento, paciência e dedicação na realização deste trabalho.

A todos os professores que estiveram ao meu lado em todas as etapas importantes da minha formação.

A todos aqueles que, embora não mencionados aqui, contribuíram de maneira direta ou indireta para a realização deste projeto.

A todos muito obrigada!

"O cérebro é o órgão mais misterioso do corpo humano. Ele aprende. Muda. Adapta-se. Ele nos diz o que vemos. O que escutamos. E nos deixa sentir o amor... Acho que abriga nossa alma. Mas não importa quanta pesquisa façamos, ninguém pode dizer como a delicada massa cinzenta na nossa cabeça trabalha. E quando é machucado, quando o cérebro humano está traumatizado... Bem... É aí que ele fica mais misterioso."

RESUMO

A dislexia é um transtorno da leitura, portanto, um déficit linguístico que dificulta a aprendizagem de leitura, escrita, soletração e decodificação das palavras. Estima-se que entre 10 a 17% da população escolar brasileira apresentem este tipo de dificuldade. Possui os fatores genéticos como principal causa e é uma das responsáveis pelo fracasso escolar, trazendo conseqüências na área social, afetiva e cognitiva do educando. Nesse sentido, o quanto antes à criança disléxica for identificada, diagnosticada e intervinda, mais condições de superação ela terá. Sendo assim, torna-se relevante avaliar a percepção que os educadores possuem com relação a esse distúrbio tão recorrente que é a Dislexia e fornecer informações necessárias para um melhor conhecimento a respeito deste tema, suas manifestações e diferentes maneiras de se trabalhar com estas crianças. Este estudo foi realizado em cinco escolas municipais da cidade de Campina Grande – PB e em um curso de aperfeiçoamento oferecido para as cidades do Sertão da Paraíba. A amostra foi composta por 108 professores, sendo 54 de Campina Grande e os outros 54 de diferentes cidades do Sertão, onde os mesmos foram submetidos a aplicação de um questionário objetivo e convidados a participarem de uma palestra nas dependências da escola. Os resultados apresentados apontam uma discrepância entre as respostas obtidas nas cidades do Sertão e na cidade de Campina Grande, entretanto apesar das divergências obtidas, principalmente nas questões 3, 4, 6 e 7, ambos os grupos de modo geral apresentaram percepções semelhantes com relação ao ensino aos portadores da Dislexia. Quanto à palestra, houve uma grande interação entre os professores e os pesquisadores do trabalho em questão, tornando-se assim um espaço para discussões referente à temática abordada e esclarecimento de dúvidas que os mesmos possuíam. Como essa pesquisa não é conclusiva ainda se permite mais estudos na área das Dificuldades de Aprendizagem e em especial a Dislexia.

Palavras-chave: Dificuldade de Aprendizagem; Dislexia; Professores.

ABSTRACT

Dyslexia is a reading disorder, therefore a linguistic deficit that makes difficult the learning of reading, writing, spelling and decoding words. It is estimated that between 10-17% of the Brazilian school have this kind of difficulty. The genetic factors are the main cause and is responsible for the failure in school, bringing consequences in social, affective and cognitive skills of the student. So as soon as the dyslexic child is identified, diagnosed and mediated more conditions will have to overcome it. Thus, it is important to evaluate the perception that educators have in relation to this disturbance so common and provide information necessary for a better knowledge on this subject, symptoms and different ways of working with these children. This study was accomplished in municipal schools in Campina Grande city, PB and in a perfecting Course offered to cities in Paraíba State. The sample was composed by 108 teachers of which 54 from Campina Grande and others 54 from different cities of Sertão, where the teachers attended a objective questionnaire and were invited to take part in a lecture in school environment. The results show a discrepancy between the responses in cities of Sertão and in Campina Grande city. However, despite the divergences, especially in the questions 3, 4, 6 e 7, both groups have similar concerns with relation to the teaching of dyslexic students. About the lecture, there was great interaction between teachers and researchers of this study, becoming a space for discussion of thematic addressed and elucidation of doubts. Such research is not conclusive still allows for more studies in the area of learning disabilities, especially Dyslexia.

Keywords: Difficult of Learning; Dyslexia; Teachers.

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: Média entre as respostas das cidades de C. Grande e do Sertão.....	25
TABELA 02: Nível de significância entre as respostas das cidades.....	26
TABELA 03: Média das respostas referente a 1º questão.....	27
TABELA 04: Média das respostas referente a 2º questão.....	28
TABELA 05: Média das respostas referente a 3º questão.....	30
TABELA 06: Média das respostas referente a 4º questão.....	31
TABELA 07: Média das respostas referente a 5º questão.....	32
TABELA 08: Média das respostas referente a 6º questão.....	34
TABELA 09: Média das respostas referente a 7º questão.....	35
TABELA 10: Média das respostas referente a 8º questão.....	36

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Respostas das cidades referente a 1º questão.....	26
GRÁFICO 02: Respostas das cidades referente a 2º questão.....	27
GRÁFICO 03: Respostas das cidades referente a 3º questão.....	28
GRÁFICO 04: Respostas das cidades referente a 4º questão.....	30
GRÁFICO 05: Respostas das cidades referente a 5º questão.....	31
GRÁFICO 06: Respostas das cidades referente a 6º questão.....	32
GRÁFICO 07: Respostas das cidades referente a 7º questão.....	33
GRÁFICO 08: Respostas das cidades referente a 8º questão.....	34

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	13
II. REFERENCIAL TEORICO.....	15
1. AS DEFICIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM.....	15
2. ASPECTOS GERAIS SOBRE DISLEXIA.....	16
2.1 CARACTERÍSTICAS E DEFINIÇÃO DESTA DIFICULDADE.....	16
2.2 TIPOS DE DISLEXIA, ETIOLOGIA E DIAGNÓSTICO.....	17
2.3 A DISLEXIA EM UM CONTEXTO BIO-PSICO-SOCIAL.....	20
III. METODOLOGIA	22
1 TIPO DA PESQUISA:.....	22
2 CAMPO E PERÍODO DA PESQUISA.....	22
3 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	22
4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	23
5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	23
6 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	23
7 PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS E ESTATÍSTICA.....	24
8 ASPECTOS ÉTICOS.....	24
IV. RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
MÉDIA ENTRE AS RESPOSTAS DAS CIDADES DE C. GRANDE E DO SERTÃO.....	25
NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA ENTRE AS RESPOSTAS DAS CIDADES.....	26
RESPOSTAS REFERENTE A 1º QUESTÃO.....	27
RESPOSTAS REFERENTE A 2º QUESTÃO.....	28
RESPOSTAS REFERENTE A 3º QUESTÃO.....	29
RESPOSTAS REFERENTE A 4º QUESTÃO.....	31
RESPOSTAS REFERENTE A 5º QUESTÃO.....	32
RESPOSTAS REFERENTE A 6º QUESTÃO.....	33
RESPOSTAS REFERENTE A 7º QUESTÃO.....	34
RESPOSTAS REFERENTE A 8º QUESTÃO.....	
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

APÊNDICE B: Termo de Compromisso para uso de Dados em Arquivo

APÊNDICE C: Termo de Compromisso do Pesquisador

APÊNDICE D: Cronograma

ANEXOS

ANEXO A: Questionário aplicado com os professores do ensino fundamental I

ANEXO B: Termo de Autorização Institucional

ANEXO C: Formulário de Parecer do CEP – UEPB

I. INTRODUÇÃO

Os problemas de aprendizagem (ou transtornos de aprendizagem), de modo geral, referem-se a uma dificuldade na leitura, na escrita, na interpretação de texto, na matemática, na expressão oral e corporal, e nas combinações e ou/relações entre essas áreas, assim como nas questões emocionais envolvidas nesses processos.

De acordo com o (DSM-IV-TR, 2002) a Dislexia do Desenvolvimento é definida como um transtorno específico de aprendizagem, caracterizada por um desempenho escolar na leitura/escrita inferior ao esperado para a idade cronológica, escolaridade e ao nível cognitivo/intelectual do indivíduo.

Do ponto de vista neurológico, a dislexia é considerada uma disfunção do Sistema Nervoso Central, que compromete a aquisição e o desenvolvimento das habilidades escolares, tendo como critérios de exclusão o rebaixamento intelectual, déficits sensoriais (visual, auditivo), déficits motores significativos, em condições supostamente adequadas de aprendizagem e ausência de problemas psicossociais. (ARTIGAS, 2009).

A Associação Brasileira de Dislexia (2011) assume que a incidência da dislexia no Brasil se assemelhe à observada em outros países. Assim, estima-se que entre 10 a 17% da população escolar brasileira também apresentem dificuldades de aprendizagem do tipo dislexia.

Além do enorme transtorno e problemas para o sistema educacional e para o aprendiz, as crianças com dislexia não apresentam dificuldades apenas na escrita e na leitura, mas também em diversas facetas do domínio motor (MOE-NILSEN et al., 2003). Crianças com dislexia apresentam dificuldades no controle postural, coordenação motora e na realização de tarefas que requerem movimentos precisos e rápidos.

A hipótese de os fatores genéticos serem uma das causas de dislexia de desenvolvimento, já é antiga. Ramus (2006) aponta que as causas das malformações no cérebro disléxico permaneceram obscuras até os quatro genes DYXC1, KIAA0319, DCDC2 e ROBO1 serem encontrados. Contudo, a partir da descoberta do genoma humano, foram encontrados dados diretos sobre a natureza dos fatores genéticos e quais os mecanismos que podem influenciar a dislexia de desenvolvimento.

Os fatores genéticos, isoladamente, não determinam o indivíduo, uma vez que interagem com todos os fatores não-genéticos (bioquímicos, trauma familiar, educacional, social). Portanto, é extremamente importante conhecer os fatores genéticos, para se poder

proceder a uma prevenção precoce e reabilitação/intervenção, como objetivo de se poder melhorar o desenvolvimento da criança (ESTRELA, 2009).

Quando as alterações na aprendizagem encontram-se relacionadas a alterações de linguagem, é importante que a criança com tal dificuldade realize avaliações interdisciplinares a fim de verificar quais os níveis de processamento cognitivo da informação estão comprometidos e que estão prejudicando o desempenho escolar destas crianças.

Segundo Zorzi (2010), a dislexia é um dos responsáveis pelo fracasso escolar e traz conseqüências na área social, afetiva e cognitiva do educando. Nesse sentido, o quanto antes à criança disléxica for identificada, diagnosticada e tratada, mais condições de superação ela terá.

Sendo assim, torna-se relevante avaliar a percepção que os educadores possuem com relação a essa dificuldade tão recorrente que é a Dislexia e fornecer informações necessárias para um melhor conhecimento sobre a Dislexia, suas manifestações e diferentes maneiras de se trabalhar com estas crianças. Por fim, melhorando a qualidade do ensino na escola e tendo um melhor aproveitamento intelectual dos seus alunos com Dislexia.

II. REFERENCIAL TEORICO

1. AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Consultando o Dicionário Aurélio as definições para o verbo aprender são: 1. Tomar conhecimento de, 2. Tornar-se capaz de (algo), 3. Tomar conhecimento de algo, retê-lo na memória, graças a estudo, observação, experiência, etc.

A aprendizagem segundo Coelho (2000) se dar pela interação de fatores extrínsecos ao individuo (condições sócio-económicas, método de ensino, modelos educativos parentais e familiares, entre outros) e intrínsecos, como as capacidades cognitivas, sensoriais e o próprio estilo pessoal de cada um, assim entendê-las-emos como uma “mudança de comportamento provocada pela experiência de outro ser humano, e não meramente pela experiência própria e prática em si, ou pela repetição ou associação de estímulos e de respostas”.

Para a maioria dos jovens, aprender pode ser um desafio. Mas isso, em geral, não indica deficiência de aprendizagem. Indica apenas que toda criança tem seus pontos fortes e seus pontos fracos na questão da aprendizagem. Algumas têm grande capacidade de ouvir; assimilam muitas informações simplesmente ouvindo. Outras têm mais facilidade com o visual; aprendem melhor lendo. Na escola, porém, todos os alunos são misturados em uma sala de aula e espera-se que todos aprendam independentemente do método de ensino utilizado. Assim, é inevitável que alguns tenham problemas de aprendizagem (SCOZ, 1994).

Para Domingos (2007) existe uma diferença entre simples problemas de aprendizagem e deficiências de aprendizagem. A explicação é que os problemas de aprendizagem podem ser vencidos com paciência e dedicação. Mas a deficiência de aprendizagem é tida como algo mais severo, necessitando de uma maior dedicação, existindo sempre uma limitação inerente a deficiência de aprendizagem que se tem.

Também Siegel (1999) sugere que o termo Dificuldades de Aprendizagem é um termo que se refere para designar significativas dificuldades na leitura, na soletração, na aritmética e na escrita, não estando ligado a perfis de inteligência.

Major & Walsh (1990) reforçam esta definição, indicando que o termo Dificuldade de Aprendizagem designa-se a crianças que, com uma inteligência normal ou acima da média,

revelam dificuldades nas atividades escolares e que não se devem a fatores visuais, auditivos, motores ou emocionais.

2. ASPECTOS GERAIS SOBRE DISLEXIA

A aprendizagem é uma função do cérebro, resultante de complexas operações neurofisiológicas e neuropsicológicas, que se combinam e organizam, integrando estímulos e respostas, assimilações e acomodações, gnósias e praxias, sendo o cérebro responsável pelas aprendizagens no seu todo, funcional e estrutural (FONSECA, 1984).

Assim, a dificuldade de aprendizagem é considerada uma desordem no desenvolvimento normal característico por algum déficit psicomotor que conseqüentemente afeta os processos receptivos, integrativos e expressivos na realização simbólica do cérebro (LEITE, 2004). Dentre as dificuldades de aprendizagem encontramos a Dislexia, dificuldade esta inicialmente detectada em crianças que sofrem dificuldades de leitura e escrita.

2.1 CARACTERÍSTICAS E DEFINIÇÃO DESTA DIFICULDADE

Entre as diversas causas de dificuldades de aprendizagem, uma que tem chamado atenção é a dislexia. Baseando-se em Mousinho (2003), a dislexia é um transtorno específico da leitura, portanto, um déficit linguístico que dificulta a aprendizagem de leitura, escrita, soletração e decodificação. O processo de leitura é muito complexo e exige muito do leitor que tem que reconhecer os símbolos, decodificá-los e processar a mensagem, para só, então, entender e compreender.

A Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2011) assume que a incidência da dislexia no Brasil se assemelhe à observada em outros países. Assim, estima-se que entre 10 a 17% da população escolar brasileira também apresentem dificuldades de aprendizagem do tipo dislexia. Em um levantamento feito pela ABD, em média 40% dos casos diagnosticados na faixa mais crítica, entre 10 a 12 anos, são de grau severo, 40% são de grau moderado e 20% de grau leve, existe maior incidência em meninos do que em meninas.

A Associação Brasileira de Dislexia - ABD (2011) e a Associação Nacional de Dislexia - AND (2011) mencionam alguns sintomas que podem ser verificados na idade pré-escolar, na educação formal e na vida adulta de uma pessoa. Na idade pré-escolar deve-se atentar aos sinais que o educando demonstra, haja vista ela pode ser uma criança de risco: dispersão; fraco desenvolvimento da atenção; atraso no desenvolvimento de fala e linguagem; dificuldades em aprender rimas e canções; fraco desenvolvimento da coordenação motora; dificuldade com quebra cabeça; e falta de interesse por livros impressos. Na idade escolar há outra sintomatologia: dificuldades na aquisição e automação de leitura e escrita; desatenção e dispersão; dificuldades em copiar de livros e lousa; desorganização geral; confusão de lateralidade; dificuldade na matemática e desenho geométrico; disnomias; troca de letras na escrita; problemas de conduta; disgrafia; discalculia; e dificuldades de compreensão de textos escritos.

Além do enorme transtorno e problemas para o sistema educacional e para o aprendiz, as crianças com dislexia não apresentam dificuldades apenas na escrita e na leitura, mas também em diversas facetas do domínio motor (MOE-NILSSEN et al., 2003). Crianças com dislexia apresentam dificuldades no controle postural, coordenação motora e na realização de tarefas que requerem movimentos precisos e rápidos.

Fawcett e Nicolson (1999) constataram que crianças disléxicas apresentam um baixo nível de habilidade motora, apresentando padrões de movimentos com desempenho inferior à observada para crianças não disléxicas. Esses autores sugeriram que tal comprometimento motor estaria relacionado a possíveis déficits de integração sensoria-motora no cerebelo. Resultados similares foram observados quando outras habilidades motoras foram analisadas. Fawcett et al. (2001) observaram que crianças com dislexia têm padrões de marcha que diferem daqueles observados dos seus pares sem problemas de aprendizagem. Estas alterações locomotoras foram, de acordo com estes autores, decorrentes de diferenças no controle postural e tônus muscular das crianças disléxicas.

2.2. TIPOS DE DISLEXIA, ETIOLOGIA E DIAGNÓSTICO

A dislexia pode ser classificada de várias formas, as diversas classificações existentes dessa desordem variam conforme sua evolução, sintomas e origem. Não existe um grupo

homogêneo de dislexias, sendo assim, muitos teóricos as classificam em dois grandes grupos: Dislexia de Desenvolvimento e Dislexia Adquirida.

Zorzi (2010) caracteriza a dislexia de desenvolvimento como um distúrbio de natureza congênita, o que significa que a criança já nasce com certas características de organização e funcionamento neurológico que poderão vir a complicar determinados tipos de aprendizagens, como a leitura e a escrita, caso ela tenha a oportunidade de vir a ser alfabetizada. Por sua vez, a dislexia adquirida corresponde à perda, em graus variados, da capacidade de ler e escrever em pessoas que já haviam desenvolvido tal habilidade e que poderiam ser até mesmo altamente capazes para tanto. Em geral, a dislexia adquirida é um quadro decorrente de fatores que agridem o cérebro, como é o caso de tumores, acidente vascular encefálico e traumatismos, principalmente em regiões responsáveis por tais funções. Contrariamente ao disléxico de desenvolvimento, a pessoa com dislexia adquirida pode ter aprendido a ler e a escrever sem qualquer dificuldade.

De acordo com Bryant e Bradley (1987) Dislexia Adquirida é subdividida em três tipos: Dislexia Profunda; Dislexia Adquirida Fonológica e Dislexia de Superfície. A Dislexia Profunda possui como principal característica ver uma palavra e lê-la como outra, com significado semelhante ou pertencente à mesma categoria da palavra original (“duende” por “gnomo”); já a Dislexia fonológica as pessoas que apresentam este tipo de dislexia cometem freqüentemente erros por derivação (trabalho por trabalhar) e erros visuais (calmo por calda), o que sugere que essas pessoas se apoiam na aparência visual da palavra; e a última, é a Dislexia de Superfície onde as pessoas possuem dificuldades com palavras que não se pode ler apenas com o auxílio das correspondências som-letras, o que explica a dificuldade em lembrar e ler palavras irregulares.

A origem da dislexia, de acordo com Ballone (2001), fundamenta-se no eixo corporal, na base psicomotora, e se desenvolve anteriormente à escrita. É de conhecimento de profissionais da área que a criança para aprender a ler necessita da consciência de seu eixo corporal, seu lado direito e esquerdo etc., e a criança disléxica não possui essa capacidade, o que a faz confundir eternamente direita e esquerda.

Rotta (2006) faz o resgate histórico dos estudos sobre o que hoje é chamado de Dislexia e aponta que o Dr. Rudolph Berlim em 1872 foi quem utilizou pela primeira vez o termo dislexia, “dis” significando dificuldade e “lexia”, palavras. Em 1896, Morgan publicou no Britian Medical Journal, o caso de um garoto que embora tivesse sido avaliado com inteligência normal tinha incapacidade para ler e chamou essa situação peculiar de “cegueira

verbal”. Em 1907, Stevenson mantém essa terminologia ao relatar o estudo, em uma família, de seis casos de “cegueira verbal”, no entanto apontava para o aspecto genético.

A expressão dislexia ressurgiu em 1917 com Hinshelwood, onde observou distorções perceptivas em crianças que não conseguiam reconhecer ou compreender palavras impressas e concluiu que a causa mais provável desse grave distúrbio de leitura era um defeito congênito no cérebro, afetando a memória visual de palavras e letras. O auxílio dos oftalmologistas foi decisivo para o reconhecimento da dislexia, pois mostraram que a dificuldade não estaria nos olhos, mas em áreas de linguagem do cérebro e outras investigações se faziam necessárias para descobrir os porquês sobre Dislexia (BITTENCOUR, 2006).

A hipótese de os fatores genéticos serem uma das causas de dislexia de desenvolvimento, já é antiga. Ramus (2006) aponta que as causas das malformações no cérebro disléxico permaneceram obscuras até os quatro genes DYXC1, KIAA0319, DCDC2 e ROBO1 serem encontrados. Contudo, a partir da descoberta do genoma humano, foram encontrados dados diretos sobre a natureza dos fatores genéticos e quais os mecanismos que podem influenciar a dislexia de desenvolvimento.

Os fatores genéticos, isoladamente, não determinam o indivíduo, uma vez que interagem com todos os fatores não-genéticos (bioquímicos, trauma familiar, educacional, social). Portanto, é extremamente importante conhecer os fatores genéticos, para se poder proceder a uma prevenção precoce e reabilitação/intervenção, como objetivo de se poder melhorar o desenvolvimento da criança (ESTRELA, 2009).

Antes de nos atermos ao diagnóstico de dislexia propriamente dito, é importante lembrarmos que dentro da teoria construtivista, inverter e suprimir letras, são naturais durante o processo de aprendizagem. Se na pressa de se diagnosticar quem tem ou não dislexia e não se verificar adequadamente a idade da criança, em que fase está, se frequentou pré-escola ou não, se há estímulos no lar para a escolarização, etc., correremos o risco de rotular crianças que apenas estão se desenvolvendo normalmente, criando uma geração de falsos disléxicos (ERCOLIN, 2008).

A Associação Brasileira de Dislexia (2011) preconiza que o diagnóstico deve ser realizado por uma equipe multidisciplinar, que precisa descartar fatores como déficit intelectual, disfunções ou deficiências auditivas e visuais, lesões cerebrais (congênitas e adquiridas), e desordens afetivas anteriores ao processo de fracasso escolar. O diagnóstico não exige exames específicos, apesar de ser uma doença neurológica, isto se deve a não existência de exames que consigam fazer tal diagnóstico.

Para Schwartzman (2010), o diagnóstico deve ser realizado por uma equipe multidisciplinar, constituída por psicólogos, fonoaudiólogos, psicomotricistas e neurologistas, pois, o quanto antes a dislexia for diagnosticada, mais cedo esta criança poderá ser tratada adequadamente, a fim de se minimizar o problema, visto que dislexia não tem cura.

2.3 A DISLEXIA EM UM CONTEXTO BIO-PSICO-SOCIAL

Para melhor compreender o aluno em seu contexto bio-psico-social faz-se necessário entender como ele aprende, sabendo que este processo é muito complexo e que a aprendizagem dos alunos não depende somente dele, pois no processo estão envolvidas outras variáveis: professor, aluno, concepções, organização curricular, metodologias, estratégias, e recursos adequados para favorecer o desenvolvimento dos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Assim, espera-se que o professor, quando deparar-se com as dificuldades de aprendizagem, informe-se e oriente-se com profissionais da educação e da saúde sobre as especificidades e instrumentos adequados para que todo aluno encontre na escola um ambiente adequado, sem discriminações e que lhe proporcione o maior e melhor aprendizado possível (SANTOS, 2009).

A Dislexia tem uma base neurológica, e que existe uma incidência expressiva de fator genético em suas causas, transmitido por um gene de uma pequena ramificação do cromossomo 6 que, por ser dominante, torna a Dislexia altamente hereditária, o que justifica que se repita nas mesmas famílias. O dislético tem mais desenvolvida a área específica de seu hemisfério cerebral lateral-direito do que leitores normais. Condição que, justificaria seus "dons" como expressão significativa desse potencial, que está relacionado à sensibilidade, artes, atletismo, mecânica, visualização em três dimensões, criatividade na solução de problemas e habilidades intuitivas, entre outras (DINIZ, 2007).

Dentro do contexto escolar, a dependência excessiva dos pais sob filhos dificulta a individualização, prejudica o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor. Por outro lado, pais excessivamente severos provocam no aluno uma diminuição da auto-imagem e medo de fracassar. A falta de carinho e de afeto dos pais provocam nos filhos inibição, retração no contexto de outras pessoas. Assim, a família deve incentivar os filhos em suas atividades, compreende-los nos fracassos e encorajá-los para progredir, assim, sentindo-se fortes e confiantes ultrapassem as dificuldades (DIAS, 2005).

Partindo de uma perspectiva psicogenética, a teoria de desenvolvimento de Wallon (1995) assume que o desenvolvimento da pessoa se faz a partir da interação do potencial genético, típico da espécie, e uma grande variedade de fatores ambientais. O foco da teoria é essa interação da criança com o meio, uma relação complementar entre os fatores orgânicos e socioculturais.

Indo de encontro com a teoria de desenvolvimento de Wallon, Dias (2005) concluiu que, ao chegar à idade escolar, a criança traz consigo uma bagagem de cultura escolar e social que auxiliam ou não na aprendizagem, como por exemplo: aquela que antes de ingressar na escola nunca teve contato com lápis, papel, cola, enfim, com qualquer objeto da cultura escolar, obviamente terá dificuldade no aprendizado e acabará sendo discriminada em relação àquelas que já manusearam esses objetos culturais de um ambiente escolar.

Portanto, uma educação que reconheça as dificuldades específicas destes alunos muito poderá contribuir para o seu desenvolvimento, associado a um tratamento interdisciplinar sendo, às vezes, necessário fazer uma eleição terapêutica, ou seja, priorizar um tratamento em um dado momento. A escola e a família exercem um papel fundamental para que a dislexia não se torne mais um fator de impedimento no crescimento acadêmico. Para Mousinho (2003), o professor é indispensável neste caminho, identificando, em um primeiro momento, e podendo compreender e auxiliar essas crianças e jovens em seu processo educativo.

Então, devidamente ciente da situação de dificuldade de aprendizagem do aluno, o professor deve estar preparado para utilizar variedade e flexibilidade no seu estilo de ensino. Dentre os cuidados que a escola e os professores devem ter em relação aos disléxicos, é importante destacar o papel de: dar encorajamento ao aluno especial; atender e respeitar as capacidades e os limites dessa criança; estar informada para amparar o aluno em sua dificuldade; apoiar na sala de aula e ainda reconhecer a necessidade de ajuda; e, por fim, desenvolver um clima de paciência extra para que a criança tenha tempo de cumprir sua tarefa e até mesmo repeti-la varias vezes (PETRONILO, 2011).

III. METODOLOGIA

1. Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa é caracterizada predominantemente como descritiva, exploratória e de caráter transversal, onde “o seu valor está baseado na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação, análise e descrição objetiva e completa de determinadas variáveis” (THOMAS; NELSON, 2002).

Este estudo apresenta ainda uma abordagem quantitativa, possuindo como finalidade a descrição de determinadas características do fenômeno ou da população através de dados estatísticos.

2. Local e Período da Pesquisa

O presente estudo foi realizado em cinco escolas municipais da cidade de Campina Grande – PB e em um curso de aperfeiçoamento oferecido para as cidades do Sertão da Paraíba, selecionadas de forma não probabilística, procurando dessa forma abordar o maior número de escolas.

O período de realização da pesquisa se deu entre os meses de Agosto de 2011 a Junho de 2012. Ficando designado para os meses de Setembro de 2011 a Maio de 2012 a coleta de dados em campo.

3. População e Amostra

A população a ser estudada em questão foi a de professores do ensino fundamental I de diferentes escolas municipais. A amostra deste estudo se caracteriza como não probabilística, sendo composta por 54 professores da rede municipal de ensino da cidade de

Campina Grande – PB mais um grupo de professores de diferentes cidades do Sertão do estado, também composta por 54 pessoas.

4. Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram utilizados como critérios de inclusão dessa pesquisa escolas da rede municipal de ensino, situadas no estado da Paraíba, que estavam em funcionamento no período da pesquisa, e que disponibilizaram os professores do ensino fundamental I para o referente estudo.

Como critérios de Exclusão estão as escolas estaduais e particulares, escolas de ensino fundamental II e médio, escolas que não disponibilizaram os professores do ensino fundamental I para o referente estudo.

5. Instrumento de Coleta de Dados

Foi realizada uma análise dos professores a respeito da percepção que eles possuem sobre a dislexia, realizada através de um simples questionário objetivo (ANEXO A); sendo levada em consideração ainda a estrutura escolar, metodologia de ensino e a equipe multiprofissional. Visando conhecer o ambiente onde os alunos estão inseridos e as possíveis limitações existentes nesses locais para o crescimento intelectual destas crianças.

6. Procedimento de Coleta de Dados

Os professores foram convidados a participarem de uma palestra nas dependências da escola, onde foi possível explicar os objetivos da pesquisa e os mesmos responderam um questionário referente à temática abordada. As palestras oferecidas aos professores se dividiam em dois momentos, no primeiro momento havia um relato de experiência onde eram relatadas as dificuldades enfrentadas por uma criança disléxica no âmbito escola e as consequências ocasionadas por esta dificuldade, já no segundo momento buscava-se esclarecer os conceitos, fisiopatologia, quadro clínico e como lidar com a Dislexia.

7. Processamento e Análise dos Dados e Estatística

Após a coleta dos dados, estes foram armazenados e posteriormente analisados, buscando verificar os níveis de significância entre as variáveis dependentes, levando-se em consideração que $p < 0,05$ e a média entre o grupo de professores da cidade de Campina Grande e o Grupo de professores das cidades do Sertão do estado. Assim, a análise estatística foi realizada utilizando-se o programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 17.0, uma vez que este nos permite a recolha, organização, análise e interpretação dos dados empíricos, através da criação de instrumentos, como as tabelas e gráficos.

8. Aspectos Éticos

Foram respeitados os aspectos éticos concernentes a Resolução de n. 196 de 10 de outubro de 1996, que delimitam diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 1996) do Conselho Nacional de Saúde. Foi assegurado que não haveria nenhum risco ou desconforto ao voluntário. Foi garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando a privacidade sobre os procedimentos a serem realizados e foi assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação, elaborado em duas vias, ficando uma com o professor participante e a outra com a pesquisadora (APÊNCIDE A). O estudo foi previamente submetido à avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UEPB, obtendo parecer favorável para o seu desenvolvimento (ANEXO C).

IV. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos através dos professores que responderam o questionário estão relacionados com a média de suas respostas entre a cidade de Campina Grande e as cidades do Sertão e o nível de significância entre elas.

A média referente às respostas do questionário entre a cidade de Campina Grande e as cidades do Sertão apresentou os seguintes resultados:

MÉDIA

		Número	Média
Q1	Sim	54	1,11
	Não	54	1,19
	Total	108	1,15
Q2	Sim	54	1,80
	Não	54	1,78
	Total	108	1,79
Q3	Sim	54	1,98
	Não	54	1,83
	Total	108	1,91
Q4	Sim	54	1,98
	Não	54	1,83
	Total	108	1,91
Q5	Sim	54	1,91
	Não	54	1,96
	Total	108	1,94
Q6	Sim	54	1,81
	Não	54	1,57
	Total	108	1,69
Q7	Sim	54	1,00
	Não	54	1,15
	Total	108	1,07
Q8	Sim	54	2,59
	Não	54	2,54
	Total	108	2,56

Tabela 1 - Média entre as respostas das cidades de C. Grande e do Sertão.

O nível de significância referente às respostas do questionário entre a cidade de Campina Grande e as cidades do Sertão mostrou os seguintes resultados:

NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA

	Soma dos Quadrados	df	Média dos Quadrados	F	Sig.
Q1					
Entre os Grupos	0.148	1	0.148	1.165	0.283
Dentro dos Grupos	13.481	106	0.127		
Total	13.630	107	----		
Q2					
Entre os Grupos	0.009	1	0.009	0.054	0.816
Dentro dos Grupos	18.093	106	0.171		
Total	18.102	107	----		
Q3					
Entre os Grupos	0.454	1	0.454	6.169	0.015
Dentro dos Grupos	7.796	106	0.074		
Total	8.250	107	----		
Q4					
Entre os Grupos	0.454	1	0.454	6.169	0.015
Dentro dos Grupos	7.796	106	0.074		
Total	8.250	107	----		
Q5					
Entre os Grupos	0.083	1	0.083	1.367	0.245
Dentro dos Grupos	6.463	106	0.061		
Total	6.546	107	----		
Q6					
Entre os Grupos	1.815	1	1.815	8.955	0.003
Dentro dos Grupos	21.481	106	0.203		
Total	23.296	107	----		
Q7					
Entre os Grupos	0.593	1	0.593	9.217	0.003
Dentro dos Grupos	6.815	106	0.064		
Total	7.407	107	----		
Q8					
Entre os Grupos	0.148	1	0.148	0.515	0.475
Dentro dos Grupos	30.519	106	0.288		
Total	30.667	107	----		

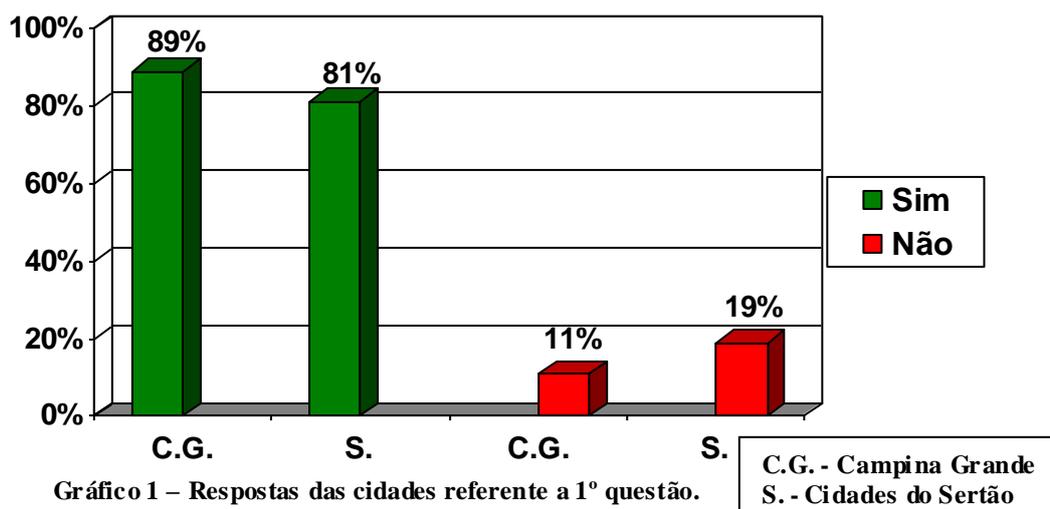
Tabela 2 – Nível de significância entre as respostas das cidades.

Para o nível de significância pôde ser observado que as respostas referentes às questões 3, 4, 6 e 7 houveram diferenças consideráveis quando comparadas entre a cidade de Campina Grande e as cidades do Sertão, onde o nível de significância para as questões 3 e 4 foram de 0,015 e para as questões 6 e 7 foram de 0,003, levando-se em consideração $p < 0,05$, conforme mostra a Tabela 2.

Assim, podemos verificar que dentre as 8 questões em 4 houveram divergências de respostas entre os grupos analisados, mostrando dessa forma percepções diferentes principalmente quando questionados a respeito das formas de intervenções ao ensino destas crianças.

Ao analisar as questões isoladamente foi possível de forma mais clara observar os resultados já descritos anteriormente. Dessa forma, as questões mostraram-se da seguinte forma:

1. A dislexia pode ser considerada uma dificuldade de aprendizagem?



	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida
Válido			
SIM	92	81,4	85,2
NÃO	16	14,2	14,8
TOTAL	108	95,6	100,0
Margem de Erro	5	4,4	
Total	113	100,0	

Tabela 3 – Média das respostas referente a 1ª questão.

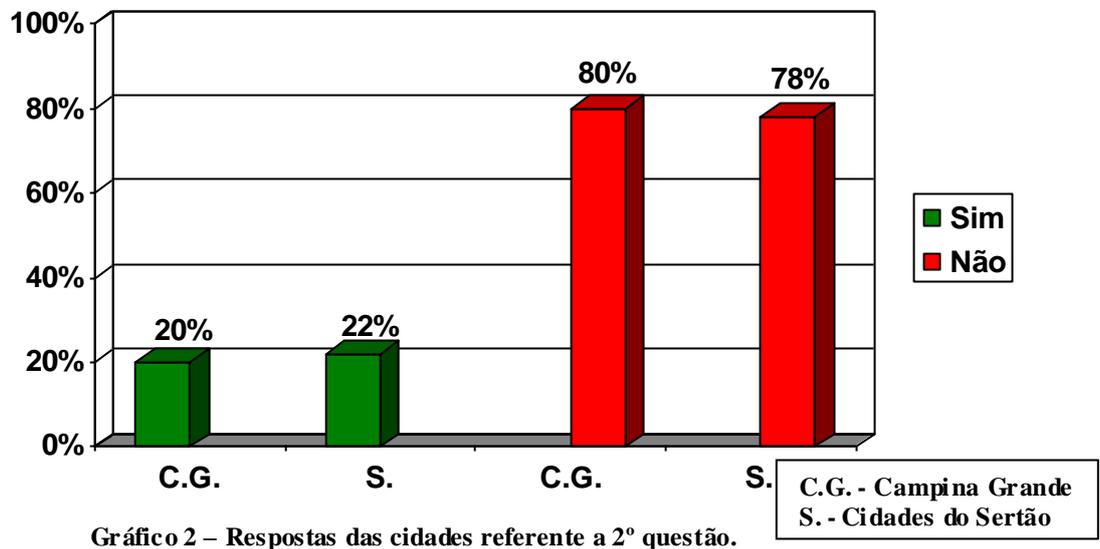
Na primeira questão aplicada aos professores observa-se que os dois grupos avaliados obtiveram resultados aproximados, não havendo, portanto diferença significativa de suas respostas, onde a maior porcentagem afirma que a dislexia é uma dificuldade de aprendizagem.

Dentre as várias dificuldades de aprendizagem a dislexia é caracterizada pela dificuldade em decodificar palavras simples em uma idade em que isso não é mais aceitável (LANHEZ e NICO, 2002). Para Correia (2008) as crianças com dificuldades de aprendizagem manifestam desordens no processamento da informação, que pode ocorrer ao nível das

funções receptivas, integrativas e/ou expressivas que se refletem numa maior dificuldade no âmbito linguístico, acadêmico e sócio-emocional.

Corroborando com esta pesquisa o estudo realizado por Estrela (2009) mostra resultados semelhantes ao deste estudo, onde os professores do 1º ciclo do Ensino Básico foram submetidos a um questionamento relativo ao conceito de dislexia verificando-se que 43,3% dos professores consideravam a dislexia como uma deficiência e 56,7% a consideraram como uma disfunção neurológica.

2. A dislexia está envolvida unicamente com as alterações na leitura e escrita?



	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida
Válido			
SIM	23	20,4	21,3
NÃO	85	75,2	78,7
TOTAL	108	95,6	100,0
Margem de Erro	5	4,4	
Total	113	100,0	

Tabela 4 – Média das respostas referente a 2ª questão.

A segunda questão também mostrou resultados aproximados entre os dois grupos analisados, dessa forma não apresentando nível de significância entre as variáveis. Neste

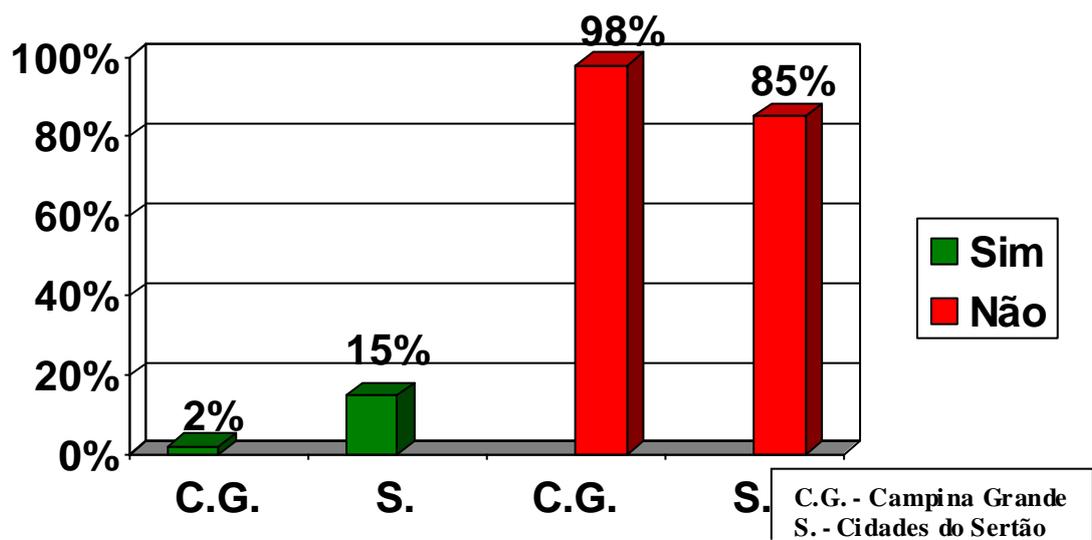
aspecto grande parte dos professores afirma que a dislexia possui outras alterações além da leitura e da escrita.

Fawcett e Nicolson (1999) constataram que crianças disléxicas apresentam um baixo nível de habilidade motora, apresentando padrões de movimentos com desempenho inferior à observada para crianças não disléxicas. Esses autores sugeriram que tal comprometimento motor estaria relacionado a possíveis déficits de integração sensório-motora no cerebelo. Resultados similares foram observados quando outras habilidades motoras foram analisadas.

Moe-Nielsen e Helbostad (2003) observaram que crianças com dislexia têm padrões de marcha que diferem daqueles observados dos seus pares sem problemas de aprendizagem. Estas alterações locomotoras foram, de acordo com estes autores, decorrentes de diferenças no controle postural e tônus muscular das crianças disléxicas.

Como consequência destes questionamentos e diferença no desempenho motor, o desempenho do controle postural de crianças com dislexia e a relação entre informação sensorial e oscilação corporal de crianças foram examinadas de forma mais profunda. Os resultados claramente mostraram que crianças com dislexia oscilam mais que crianças sem dificuldade de aprendizagem (DIAS, 2002; DIAS E BARELA, 2007).

3. A causa da dislexia pode ser atribuída à baixa qualidade do ensino escolar?



		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida
Válido	SIM	10	8,8	9,3
	NÃO	98	86,7	90,7
	TOTAL	108	95,6	100,0
Margem de Erro		5	4,4	
Total		113	100,0	

Tabela 5 – Média das respostas referente a 3º questão.

Observa-se nesta terceira questão que os grupos avaliados possuíram uma maior divergência em suas opiniões, tornando significativa esta variação. Sendo possível destacar que 15% da amostra referentes às cidades do Sertão acreditam que a causa da dislexia está ligada com a baixa qualidade do ensino escolar contra os 2% da cidade de Campina Grande que também acreditam.

Segundo a ABD (2011), a dislexia não é o resultado de má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição sócio-econômica ou baixa inteligência. Trata-se de uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando ainda alterações no padrão neurológico.

Ramus (2006) aponta como causa da dislexia um déficit cognitivo que afeta particularmente a aprendizagem e aquisição da linguagem escrita. Este déficit cognitivo tem uma base cerebral, onde o cérebro dos disléxicos é diferente das pessoas sem esta dificuldade, esta diferença cerebral pode ter causas múltiplas como fatores genéticos e fatores pré ou Perinatais (doenças infecciosas, tóxicas ou traumáticas).

No estudo realizado por Stern (2010) foi possível observar que a escolarização inapropriada causou nos alunos disléxicos diversas complicações de cunho psicológico tais como dificuldade de falar em público e de se impor perante um grupo. Estas complicações afetam visivelmente sua interação com as pessoas. Contudo, as dificuldades decorrentes da dislexia foram superadas ou estão caminhando para isto.

Carvalho, Crenitte e Ciasca (2007) apontam que há um desconhecimento do professor quanto ao assunto distúrbio e dificuldade de aprendizagem e, as responsabilidades do fracasso escolar recaem sobre os agentes do processo: professor e aluno, por um lado às práticas pouco adequadas e, por outro, o esforço insuficiente para alcançar o sucesso: aprender e passar de ano.

5. As escolas possuem estrutura didático-pedagógica para trabalhar com crianças disléxicas?

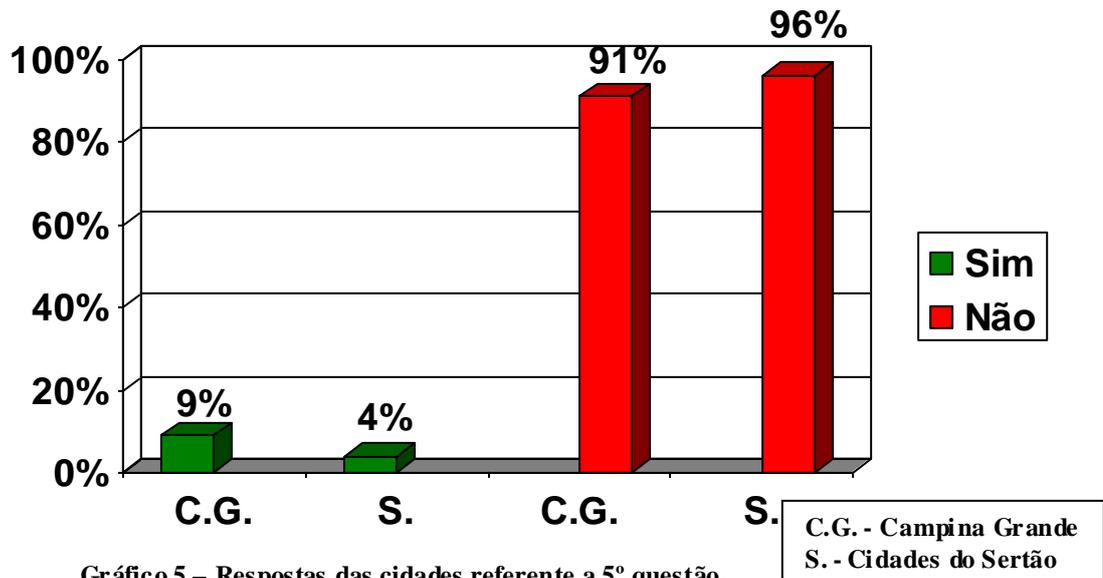


Gráfico 5 – Respostas das cidades referente a 5ª questão.

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida
Válido			
SIM	7	6,2	6,5
NÃO	101	89,4	93,5
TOTAL	108	95,6	100,0
Margem de Erro	5	4,4	
Total	113	100,0	

Tabela 7 – Média das respostas referente a 5ª questão.

Entre as respostas observadas em ambos os grupos na quinta questão é observável que não ocorreu grandes alterações nas variáveis, não sendo significativa esta diferença entre as respostas encontradas. Desta forma, mais de 90% dos professores declaram não haver estrutura didático-pedagógica para se trabalhar com a criança disléxica no ambiente escolar onde estão atuando.

Entretanto, foi observado que em termos de material de apoio pedagógico as escolas visitadas na cidade de Campina Grande possuem um bom acervo, composto por laboratório de informática, sala de multimeios, biblioteca e um grande patrimônio de jogos e materiais lúdicos. Onde todo esse material de apoio não é utilizado com frequência pelos professores, foi percebido ainda existem dificuldades na utilização desses materiais. De um lado existem aqueles professores que ainda não estão abertos as novas tecnologias e metodologias, por outro lado existem aqueles abertos às mudanças, porem pessimistas as reais possibilidades de mudanças de seus alunos.

Fortuna (2001) afirma que por meio da brincadeira a criança envolve-se no jogo e sente a necessidade de partilhar com o outro. Ainda que em postura de adversário, a parceria é um estabelecimento de relação. Esta relação expõe as potencialidades dos participantes, afeta as emoções e põe à prova as aptidões testando limites. Brincando e jogando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional, tais como atenção, afetividade, o hábito de permanecer concentrado e outras habilidades perceptuais psicomotoras, assim o disléxico que era antes considerado desleixado, preguiçoso, mal alfabetizado, desinteressado e de baixa inteligência torna-se agora uma criança operativa.

6. O ensino as crianças portadoras da dislexia deve ser realizado em escolas especializadas em distúrbios de aprendizagem?

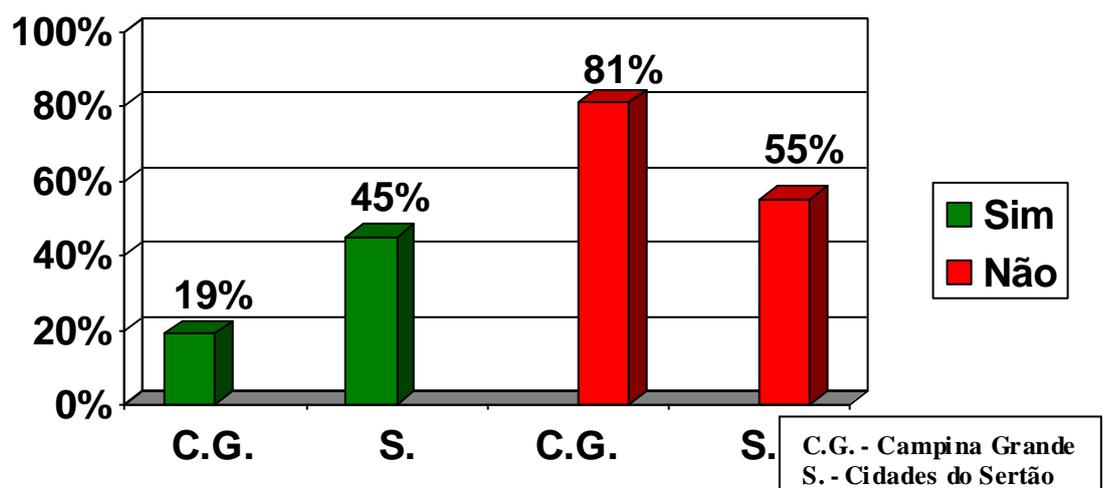


Gráfico 6 – Respostas das cidades referente a 6º questão.

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida
Válido	SIM	33	29,2	30,6
	NÃO	75	66,4	69,4
	TOTAL	108	95,6	100,0
Margem de Erro		5	4,4	
Total		113	100,0	

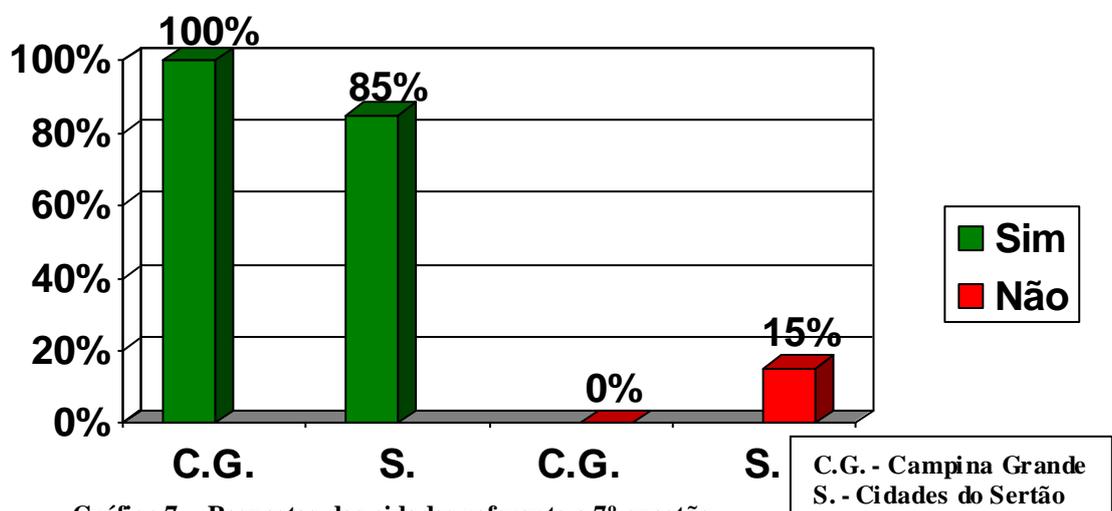
Tabela 8 – Média das respostas referente a 6º questão.

Na sexta questão observa-se uma disparidade nas variáveis analisadas, tornado estatisticamente relevante está variação. Porém, apesar da discrepância ocorrida na comparação dos resultados nos dois grupos em ambos a maior porcentagem de professores acreditam que o ensino as crianças disléxicas devem ser realizado em escolas/instituições especializados em distúrbios de aprendizagem.

De acordo com Titoni (2010) não é necessário que os alunos disléxicos fiquem em classe especial, pois eles têm muito a oferecer para os colegas e muito a receber deles, e essa troca de humores e saberes além de afetos, competências e habilidades só faz crescer a amizade, a cooperação e a solidariedade entre eles.

O professor deverá tratar o aluno com naturalidade, usar sempre uma linguagem clara e objetiva, trazer o aluno próximo ao educador utilizando estratégias diferenciadas, como a utilização de recursos estimulantes para que ele possa ver, sentir, ouvir e manusear como jogos, cartazes, cd, etc (ALMEIDA, 2009).

7. É possível trabalhar com a criança disléxica através de uma intervenção multiprofissional?



		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida
Válido	SIM	100	88,5	92,6
	NÃO	8	7,1	7,4
	TOTAL	108	95,6	100,0
Margem de Erro		5	4,4	
Total		113	100,0	

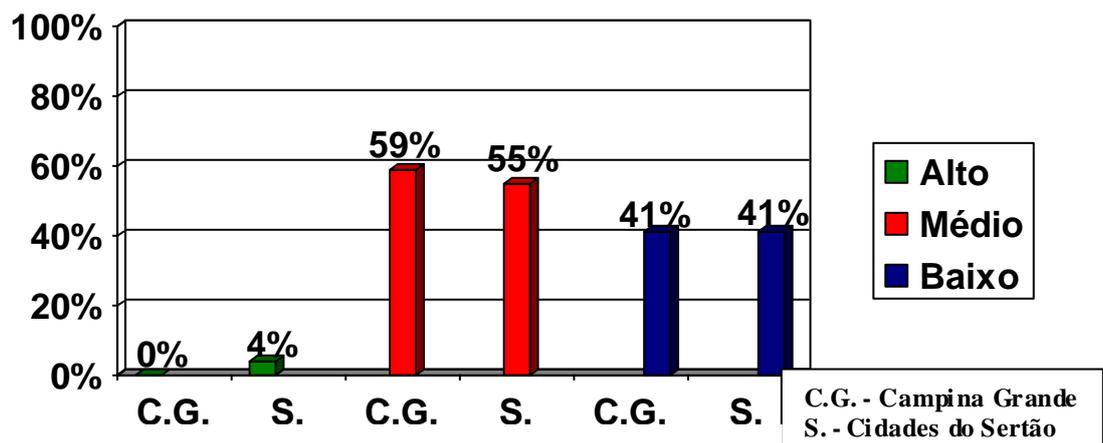
Tabela 9 – Média das respostas referente a 7ª questão.

A sétima questão apresentou alterações significativas na análise dos dados entre os dois grupos estudados, mostrando que 15% da amostra das cidades do Sertão não acreditam que a dislexia possa ser trabalhada através de uma intervenção multiprofissional.

Em relação ao tipo de intervenção nos quadros de dificuldades de leitura e escrita, torna-se necessária uma abordagem em equipe, que desenvolva um trabalho específico e adequado a cada problemática, podendo incluir psicólogos, pedagogos, fonoaudiólogos e orientadores educacionais. Para cada caso é delineado um plano de reabilitação, delimitando metas a curto e a longo prazo, bem como as especialidades que se façam mais necessárias em cada momento do processo. Cada tipo de dislexia exige práticas terapêuticas específicas (MACHADO, PARENTE e SALLES, 2004).

Segundo Shaywitz (2008) os programas de intervenção devem ser elaborados a partir de uma avaliação completa e correta do aluno com dificuldade de aprendizagem, para que sejam identificadas as áreas fracas e emergentes a serem trabalhadas, onde o mesmo argumenta que estratégias de reeducação e intervenção apontam para uma melhora nos níveis de leitura e escrita e conduzem a uma normalização parcial da atividade cerebral.

8. Qual o seu nível de informação sobre a dislexia enquanto professor?



	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida
Válido			
ALTO	2	1,8	1,9
MÉDIO	43	38,1	39,8
BAIXO	63	55,8	58,3
TOTAL	108	95,6	100,0
Margem de Erro	5	4,4	
Total	113	100,0	

Tabela 10 – Média das respostas referente a 8º questão.

Os dados obtidos nesta oitava questão não apresentaram mudanças significativas quando comparados entre os dois grupos submetidos ao questionamento, mostrando com mais de 50% da amostra que os professores do ensino fundamental I consideram-se medianos quanto ao seu nível de informações sobre a dislexia.

Tavares (2008) concluiu em seu trabalho que há muitos professores despreparados e/ou desatentos, que desperdiçam momentos ricos e únicos nas experiências vividas com as crianças, não explorando, de forma explícita, simultânea e efetivamente integrada os aspectos afetivos, psicomotores, cognitivos e sócio-culturais, naturalmente presentes no cotidiano escolar. Deduz ainda que se faça necessária uma maior orientação, capacitação e até, mesmo uma reflexão do professor sobre a qualidade de seu trabalho, de seus conceitos pedagógicos e de sua percepção como mediador do processo de avaliação.

Rocha (2004) relata a importância dos professores se manterem bem informados acerca das consequências do problema e que a escola ofereça confiança e saiba valorizar os aspectos positivos dos trabalhos destes alunos: assim será possível combater as dificuldades e a frustração decorrentes da dislexia. Acrescenta ainda que é importante que professores e educadores estejam atentos à história pessoal do aluno e às suas dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita, fonológicas e articulatórias.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados apontam uma discrepância entre as respostas obtidas nas cidades do Sertão e na cidade de Campina Grande, entretanto apesar das divergências, principalmente em algumas questões, ambos os grupos de modo geral apresentaram percepções semelhantes com relação ao ensino aos portadores da Dislexia.

Em um segundo momento nesta pesquisa foi oferecido aos professores uma palestra que possuía o intuito de sensibilizá-los e informá-los quanto a Dislexia e os obstáculos enfrentados por estes alunos. Sendo muito bem aceita pelos professores, onde houve uma grande interação entre eles e os pesquisadores do trabalho em questão, tornando um espaço para discussões referente à temática abordada e esclarecimento de dúvidas que os mesmos possuíam.

O desafio deixado aos grupos de professores foi uma reflexão sobre qual será o futuro dessas crianças? Que rumos o desenvolvimento cognitivo irá tomar nos anos seguintes? Que tipo de intervenção poderá ser feito para garantir uma evolução continuada, contribuindo para fase adulta desses jovens?

Uma vez que aguçada a busca pelo conhecimento científico cabe a escola desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade, sem discriminações, orientado para a inclusão e não somente atribuir o nível de aprendizagem a classe social, por exemplo. Assim o conhecimento adquirido pelos profissionais que fazem parte da equipe escolar e em especial os professores irá influenciar em sua prática pedagógica e sua atitude face à criança com Dislexia.

Como essa pesquisa não é conclusiva ainda se permite mais estudos na área das Dificuldades de Aprendizagem e em especial a Dislexia, deixando aberto um grande número de janelas de possibilidades.

REFERÊNCIAS

ARTIGAS-PALLARÉS J. **Dislexia: enfermidade, transtorno o algo distinto**. Rev neurol; 42(supl2): s63-s69. 2009.

ABD, Associação brasileira de dislexia. **Dislexia**. Disponível em; <<http://www.dislexia.org.br>>. Acesso em: março de 2011.

AND. Associação nacional de dislexia. **Dislexia**. Disponível em; <www.andislexia.org.br>. Acesso em: março de 2011.

ALMEIDA, G. S. S. **Dislexia: o grande desafio em sala de aula**. Revista eletrônica de divulgação científica da Faculdade Don Domênico - 2ª edição – 2009.

BALLONE, G. J. **Linguagem in psiqweb psiquiatria geral**. 2001. disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/cursos/linguag.html>. acesso em: 15 maio. 2011.

BITTENCOUR, D. **Informática como alternativa compensatória da dislexia**. Monografia (especialização em informática na educação). Centro interdisciplinar de novas tecnologias na educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. 2006

BRYANT, P. BRADLEY, L. **Problemas de leitura na criança**. Porto Alegre: artes médicas, 1987.

CARVALHO, F. B. CRENITTE, P. A. P. CIASCA, S. M. **Distúrbios de aprendizagem na visão do professor**. Rev. Psicopedagogia vol.24 no.75 São Paulo 2007.

COELHO, A. C. **Organização das aprendizagens – portfólio enquanto caminho para a metacognição**. (dissertação de mestrado, faculdade de ciências sociais e humanas de lisboa). 2000.

CORREIA, L. M. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas – Contributos para uma definição portuguesa**. Porto: Porto Editora. 2008.

DIAS, J. L. **Acoplamento entre informação visual e oscilação corporal em crianças com dislêxia**. (Dissertação). Instituto de Biociências - Departamento de Educação Física Universidade Estadual paulista, Rio Claro, 2002.

DIAS, J. L. e BARELA, J. A. **Acoplamento entre informação visual e oscilação corporal em crianças com dislexia**. Revista da Educação Física/UEM, v.18, n.2, p.137-145. 2007.

DIAS, M. D. P. **A psicomotricidades aplicada à educação física para crianças de 7 a 12 anos**. Monografia (especialização em psicomotricidade). Universidade Candido Mendes. Projeto a Vez do Mestre. Rio de Janeiro. 2005.

DINIZ, M. M. F. **Um olhar direcionado às dificuldades de aprendizagem**. Dissertação de mestrado ao programa de pós-graduação em educação da UFPB. 2007.

DOMINGOS, G. A. **Dificuldades do processo de aprendizagem.** (monografia, escola superior aberta do brasil – esab). 2007.

DSM-IV-TR. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** 4. Ed. Porto Alegre: artes médicas; 2002.

ERCOLIN, E. H. **Dislexia: mais um diagnóstico para justificar o fracasso da escola.** Periódico de divulgação científica da fals. ano ii - nº 03 - issn 1982-646x. 2008.

ESTRELA, M. F. C. P. **A inter-relação dislexia e formação de professores.** Dissertação (mestrado em ciências da educação). Escola superior de educação de paula frassinetti. 2009.

FAWCETT, A. J. e NICOLSON, R. I. **Performance of dyslexic children on cerebellar and cognitive test.** Journal of motor behavior, v.37, n.1, p.68-78. 1999.

FAWCETT, A. E R. NICOLSON. **Dislexia: the role of the cerebellum.** Eletronic journal of research educational psychology v.2, n.2, p.35 - 58. 2001.

FERREIRA. A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 6. Ed. Rio de janeiro: editora positivo, 2008.

FONSECA, V. **Uma introdução às dificuldades de aprendizagem.** Lisboa: editorial notícias. 1984.

FORTUNA, T. R. **Formando professores na universidade para brincar.** A ludicidade como ciência. Petrópolis: vozes, 2001.

LANHEZ, M. E.; NICO, M. A. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares.** 11 ed.. Rio de Janeiro: Elseiver, 2002.

LEITE, C. O., PINHO, F., KOEHLER, S. M. F. **Um estudo sobre as dificuldade de aprendizagem das crianças: contribuições da arte.** La nueva alfabetización: un reto para la educación del siglo xxi. são paulo – sp, 2004.

MACHADO, S. S. PARRENTE, M. A. M. P. SALLES, J. F. **As dislexias de desenvolvimento: aspectos neuropsicológicos e cognitivos.** Interações V.9 n.17 São Paulo, 2004.

MAJOR, S.; WALSH, M. A. **Crianças com dificuldades de aprendizagem m.** São paulo: editora manole. 1990.

MOE-NILSSEN, R., J. L. HELBOSTAD, et al. **Balance and gait in children with dyslexia.** Experimental brain research, v.150, 2003, p.237-244. 2003.

MOUSINHO, R. A. **Conhecendo a dislexia.** Revista sinpro. Rio de janeiro: escola do professor e do departamento de comunicação do sinpro-rio, 2003.

PETRONILO, A. OLIVEIRA, D. OLIVEIRA, L. FORTES, V. **Dislexia nas séries iniciais do ensino fundamental: como facilitar o aprendizado.** Disponível em: <

<http://connepi.ifal.edu.br/ocs/index.php/connepi/connepi2010/paper/view/1717/1032>.
Acessado em: 31 de julho de 2011.

RAMUS, F. **A neurological modelo of dyslexia and other domain-specific developmental disorders with na associated sensorimotor syndrome**. In g. d. rosen (ed.), *the dyslexia brain: new pathways in neuroscience discovery*, mahwah, nj: lawrence erlbaum associates, 75-101. 2006.

RICHART, M. B. **Detecção dos sintomas da dislexia e contribuições pedagógicas no aspecto ensino aprendizagem para alunos do ciclo 1º do ensino fundamental**. Lins – São Paulo, 2009.

ROCHA, B. P. **A criança disléxica**, Lisboa: Fim de século, 2004.

ROTTA, N.T.; PEDROSO, F.S. **Transtorno da linguagem escrita-dislexia**. In: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. **Transtornos da aprendizagem-abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: artmed, p. 151-164, 2006.

SANTOS, N. M. **Problematização das dificuldades de aprendizagem**. Trabalho de conclusão de atividades do programa de desenvolvimento educacional. PDE – 2007. Londrina - PR, 2009.

SCHWARTZMAN, S. **Diagnóstico**. Entrevista com drauzio varella. Disponível em: <http://drauziovarella.ig.com.br/entrevistas/dislexiaii2.asp>. Acessado em: 26 Outubro. 2010.

SCOZ, B. **Psicopedagoga e a realidade escolar o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis, rio de janeiro: vozes, 1994.

SHAIWYTZ, S. **Vencer a dislexia – Como dar resposta às perturbações da leitura em qualquer fase da vida**. Porto: Porto Editora, 2008.

SIEGEL, L. S. **Learning disabilities: the roads we have traveled and the path to the future**. In r. J. Sternberg e l. Spear-swerling (eds.), *perspectives on learning disabilities*, (pp.159–175). Colorado: westview press. 1999.

STERN, A. C. B. **As barreiras encontradas pelo disléxico no ensino regular**. (Monografia). Universidade Presbiteriana Mackenzie – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, São Paulo, 2010.

TAVARES, H. V. **Apoio pedagógico às crianças com necessidades educacionais especiais dislexia e TDAH**. (Monografia). Faculdade de Medicina do ABC – Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem, 2008.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3 ed. Porto alegre: artmed, 2002.

TITONI, C. C. S. **Dislexia na educação escolar: técnicas e metodologias para trabalhar com o aluno disléxico**. (Monografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2010.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, edições 70. 1995.

ZORZI, J. L. **Dislexia**. Fonotrade. Publicado em 21 mai. 2009. Disponível em:
<<http://www.fonotrade.com.br/page/entrevista.pdf>> acessado em: 26 Outubro. 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa “PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I DAS CIDADES DE CAMPINA GRANDE E DO SERTÃO JUNTAMENTE COM ORIENTAÇÕES ESSENCIAIS COM RELAÇÃO AO ENSINO AOS PORTADORES DA DISLEXIA”.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:
O trabalho PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I DAS CIDADES DE CAMPINA GRANDE E DO SERTÃO JUNTAMENTE COM ORIENTAÇÕES ESSENCIAIS COM RELAÇÃO AO ENSINO AOS PORTADORES DA DISLEXIA. terá como objetivo central avaliar a percepção dos educadores juntamente com a ampliação da base de conhecimento dos professores do ensino fundamental I para que possam identificar possíveis crianças com a Dislexia e, assim explorar de maneira mais eficaz a capacidade intelectual das mesmas.

Ao voluntário caberá permitir o acesso da pesquisadora para uma avaliação da qualificação dos educadores e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao professores, indivíduo e/ou familiares, se assim o desejarem.

Não haverá utilização de nenhum indivíduo como grupo placebo, visto não haver procedimento terapêutico neste trabalho científico.

O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.

Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 8834-6622 com Ana Carolina Alves de Freitas Correia.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido

Assinatura do Pesquisador responsável

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica



APÊNDICE B - TERMO DE COMPROMISSO PARA USO DE DADOS EM ARQUIVO

Título do projeto: PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I DAS CIDADES DE CAMPINA GRANDE E DO SERTÃO JUNTAMENTE COM ORIENTAÇÕES ESSENCIAIS COM RELAÇÃO AO ENSINO AOS PORTADORES DA DISLEXIA

Pesquisador: Ana Carolina Alves de Freitas Correia

O pesquisador do projeto acima identificado assume o compromisso de:

- I. Preservar a privacidade dos professores do ensino fundamental I cujos dados serão coletados;
- II. Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto em questão;
- III. Assegurar que as informações somente serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa.

Campina Grande – PB, 2012.

APÊNDICE C - TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Por meio deste termo de responsabilidade, nós, abaixo-assinados, respectivamente, autor e orientando da pesquisa intitulada **“PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I DAS CIDADES DE CAMPINA GRANDE E DO SERTÃO JUNTAMENTE COM ORIENTAÇÕES ESSENCIAIS COM RELAÇÃO AO ENSINO AOS PORTADORES DA DISLEXIA.”**, assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS e suas complementares, outorgada pelo Decreto nº 98,833, de 24 de janeiro de 1987, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado, e a Resolução/UEPB/CONSEPE/10/2001 de 10/10/2001.

Reafirmamos, outrossim, nossa responsabilidade indelegável e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes à presente pesquisa, respeitando a confidencialidade e sigilo das fichas correspondentes a cada sujeito incluído na pesquisa, por um período de 5 (cinco) anos após o término desta. Apresentaremos semestralmente e sempre que solicitado pelo CCEP/UEPB (Conselho Central de Ética em Pesquisa/Universidade Estadual da Paraíba), ou CONEP (Conselho Nacional de Ética em Pesquisa) ou, ainda, as Curadorias envolvidas no presente estudo, relatório sobre o andamento da pesquisa, comunicando ainda ao CCEP/UEPB, qualquer eventual modificação proposta no supracitado projeto.

Campina Grande, ____ de _____ de 2012.

Autor da Pesquisa

Orientando

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I

1. A dislexia pode ser considerada uma dificuldade de aprendizagem?

Sim () Não ()

2. A dislexia está envolvida unicamente com as alterações na leitura e escrita?

Sim () Não ()

3. A causa de dislexia pode ser atribuída à baixa qualidade do ensino de uma escola?

Sim () Não ()

4. Os professores possuem em sua formação acadêmica uma preparação para trabalhar com crianças disléxicas?

Sim () Não ()

5. As escolas possuem estrutura didático-pedagógica para trabalhar com alunos disléxicos?

Sim () Não ()

6. O ensino das crianças portadoras da dislexia devem ser realizado em escolas especializadas em distúrbios de aprendizagem?

Sim () Não ()

7. É possível trabalhar com a criança disléxica através de uma intervenção multiprofissional?

Sim () Não ()

8. Qual o seu nível de informação sobre a dislexia enquanto professor?

Alto () Médio () Baixo ()

ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu _____,
coordenadora (diretora, responsável, gerente...), venho por meio deste autorizar o desenvolvimento na referida instituição da pesquisa intitulada “PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I DAS CIDADES DE CAMPINA GRANDE E DO SERTÃO JUNTAMENTE COM ORIENTAÇÕES ESSENCIAIS COM RELAÇÃO AO ENSINO AOS PORTADORES DA DISLEXIA.”, sob responsabilidade do aluno (a) _____ e orientador _____, como requisito para a conclusão do curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

Atenciosamente,

Campina Grande, ____ de _____ de 2012.

NOME – ASSINATURA

ANEXO C – FOEMULÁRIO DE PARECER DO CEP - UEPB



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA- PRPGP COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

PROJETO CAAE N°: 0592.0.133.000-11

PARECER

X APROVADO
 NÃO APROVADO
 PENDENTE

TÍTULO: “ Avaliação da qualificação dos educadores do ensino fundamental I das escolas municipais de Campina Grande e orientações essenciais com relação ao ensino aos portadores da dificuldade da aprendizagem “Dislexia”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Josenaldo Lopes Dias

DESCRIÇÃO: Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória e de caráter transversal. O projeto encontra-se com metodologia claramente definida. Durante o desenvolvimento da pesquisa os pesquisadores adotarão os princípios éticos dispostos na RESOLUÇÃO 196/96 do CNS/MS, sendo, sou de parecer favorável à aprovação do projeto, salvo melhor juízo. No entanto, sugira-se seja revisto o objetivo geral e definir melhor a quantidade de escolas, para melhor sistematizar a amostra.

Campina Grande, 13 de outubro de 2011.

Relator: 04

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA/
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA/
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Profª Dra. Doralúcia Pedrosa de Araújo
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa